

QUANDO AS FÉRIAS VIRARAM UM TEXTO

Por Kátia Veillard

Christiane Gribel é uma carioca que morou no Rio de Janeiro até os onze anos; depois foi para São Paulo. Formou-se em publicidade e trabalhou em algumas agências de propaganda como redatora. Num certo dia, resolveu fazer um texto que não era nem para TV nem para revista, mas que acreditava caber num livro. Uma amiga concordou com a ideia; ela mandou um fax para uma editora; e publicou seu primeiro livro “Histórias de um Pequeno Astronauta”, com o qual, em 1998, ganhou o Prêmio Jabuti como autora revelação

Em seguida, publicou mais alguns livros, não necessariamente nessa ordem:

Tem uma semente na barriga da mamãe”; “Não vou dormir”; “A pequena serenata do sapo cantor”; “Com a pulga atrás da orelha”; “O segredo”; “Depois da montanha azul”; “O Marquês dinamarquês”; “A festa”. Dentre esses e outros publicados, o livro “Minhas férias, pula uma linha, parágrafo” é o convocado para interlocução em forma de resenha

“Minhas férias, pula uma linha, parágrafo” é um texto lúdico, fluido e com um ritmo narrativo de tirar o fôlego. É a história de um menino de onze anos, chamado Guilherme, que descreve, com detalhes, o processo das suas maravilhosas férias serem transformadas numa redação. É o famoso primeiro dia de aula em que as crianças são convidadas a escreverem sobre suas férias; e da incompatibilidade, pela metodologia adotada, de transformar o prazer das atividades lúdicas em regras gramaticais e num texto com número de linhas estipulado. Além disso, o texto, na voz do Guilherme, vai provocando questionamentos sobre os estereótipos de comportamento tanto de estudantes como de professores; do quanto a escola, na rigidez de suas práticas, está longe da realidade dos estudantes; da forma como a escola avalia a escrita; das metodologias de disciplina e de punição no espaço escolar etc. Além disso, o texto revela a voz interna do menino e seus conflitos diante das incoerências do espaço escolar, mas o texto não é pesado, porque em contrapartida, as soluções apresentadas por ele trazem leveza através do humor

Apesar desse texto ser categorizado como “Literatura Infantil”, ele é um convite para refletirmos acerca das nossas práticas pedagógicas, principalmente, as que se referem à produção textual, na qual a experiência do estudante é secundarizada frente à norma culta da Língua Portuguesa. Isso não significa que a mesma não deva ser trabalhada, mas é preciso refletir e estruturar metodologias de aproximação e aquisição da norma culta por um processo menos agressivo com o estudante, menos desrespeitoso com a linguagem oral e com a forma cotidiana que o grupo a qual ele pertence faz uso da Língua.

É preciso lembrar que a Língua pode ser instrumento de domínio, de exercício de poder sobre o outro. Cabe a nós, educadores, socializarmos práticas de leitura e escrita em que a Língua sirva de instrumento emancipatório na construção do processo de cidadania; e não como mais um instrumento de exclusão social cunhado na escola

Boa leitura!!! Divirtam-se com Guilherme.